

# folha de dourados

## vendia igual a pão quente

**Q**uando cheguei em Dourados, no início de 1976, vindo de Campo Grande, onde trabalhei por dois anos no extinto Diário da Serra, me incorporei à equipe da Folha de Dourados, dirigida pela intrépido Theorico Luiz Viegas e sendo correspondente do Correio do Estado, da Capital, e do jornal O Estado de S. Paulo, o chamado até hoje de Estadão.

A folha de dourados, ao lado de O Progresso, era tri-semanário. Passados alguns meses, amadureceu a ideia de fazer a folha diário, com seis páginas. E assim aconteceu. As matérias policiais sempre muito chamativas, do dia anterior, estavam estampadas no dia seguinte. Foi um sucesso de vendas nas bancas como a do Jaime e do Nelson. O jornal vendia igual a pão quente, esgotava muitas vezes. E sentindo a “ousadia” do concorrente, O Progresso também passou a sair diaria-

mente.

A folha de dourados era ainda “a quente”, ou seja, confeccionado por linotipo, máquina que usava chumbo para fazer as letras e as fotos viravam clichê de metal e depois de plástico, para a impressão. Tudo rudimentar, mas era o que se tinha à época, antes da impressão à off set.

Saindo da folha fui trabalhar com o recém-lançado “Jornal da Praça”, dirigido pelo João Natalício de Oliveira. O JP trouxe uma nova linguagem para o jornalismo douradense, mais moderna. Mas esse diário teve vida curta em Dourados e foi para Ponta Porã. Depois fui contratado pelo O Progresso, que já estava sendo impresso em off set, uma modernidade. Paralelamente continuava fazendo material para o Correio do Estado e ao Estadão, com uma imensa dificuldade para passar as reportagens por falta de comunicação. Um ligação para São Paulo, pedida logo pela manhã, somente seria completada à tarde, se desse sorte. Depois



Cícero Faria

chegaram o telex e o fax, grande avanço.

Tive passagem ainda pela Rádio Clube de Dourados, trabalhando ao lado do Cloé Fazzano, falecido. Era uma batalha ‘fechar’ o “Fatos e Notícias”, que ia ao ar diariamente duas vezes – cedo e a na hora do almoço.

Em 1988 fui contratado para trabalhar na Sucursal da “Folha de Londrina”, um dos mais importantes do Paraná. Grande experiência durante dois anos pela ânsia da redação de reportagens especiais e cobertura das notícias do sul do Estado, por onde a Folha circulava com grande penetração.

No Correio do Estado, permaneci entre idas e vindas, mais de 20 anos trabalhando na sucursal de Dourados. Sai em 2014. Em paralelo, iniciei em 2001, o programa “Grande FM Rural” na 92,1 FM, que está no ar até hoje. Em 2017 fui incorporado de vez no setor de jornalismo da Grande FM, participando diariamente da sua programação. Em O Progresso a coluna “Informe C” permanece em suas páginas, há 30 anos.

Paralelo ao trabalho nos jornais, ainda exerci funções públicas, como as assessorias da Câmara de Dourados e da Prefeitura (Humberto Teixeira) e em entidades, como a Associação dos Engenheiros Agrônomos do Estado (Aeams), Sindicato Rural de Dourados e Associação Comercial e Empresarial de Dourados (Aced). Sou fundador do Clube de Imprensa de Dourados (CID) e do Sindicato dos Jornalistas Profissionais da Grande Dourados.